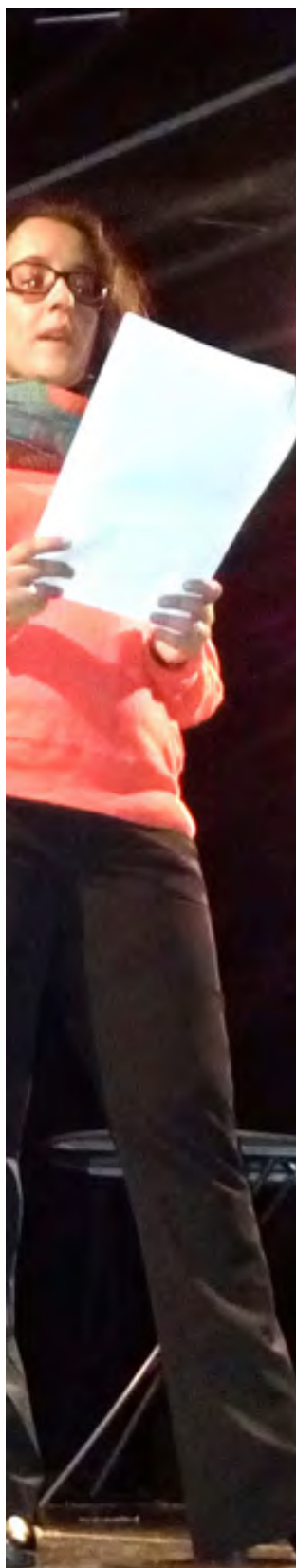


EDITORIAL: EXÍLIOS NA SUIÇA

"Portugal: Dictature, exil et mémoire". Conferências, cinema e leituras aconteceram na Maison de Quartier de Plainpalais em Genève, Suíça. A pretexto da apresentação dos livros Exílios 1 e 2 na Suíça, esta colaboração entre a AEP61-74 e a Associação 25 de Abril em Genève animou, durante dois dias, 16 e 17 de Novembro, o espaço da Maison de Quartier. Ana Benavente refugiada política em Genève entre 1965 e 1974 abriu o encontro recordando alguns momentos frios do seu exílio, com sapatos desadequados para a neve e o dinheiro também inadequado para comprar novos; o trabalho anti-fascista e anti colonial junto da emigração portuguesa e da intelectualidade suíça; os desconhecidos da história referindo a mulher desconhecida do soldado desconhecido; o dever de memória mas no desenvolvimento de acções concretas que ajudem o presente. Philippe Macasdar, antigo director do teatro de Saint Gervais falou-nos de memórias feridas, projecto teatral que cruzou, em Genève, memórias do mundo: como fazer ecoar o Mundo em Genève, perguntou.

*Melissa Llorens*

Melissa Llorens, coordenadora do Observatório do Direito de Asilo et dos Estrangeiros forneceu os dados mais actuais sobre os refugiados no Mundo desfazendo o mito de que é a Europa o continente que mais “sofre” com os movimentos de refugiados. Segundo os dados actuais são o Líbano, o Paquistão e a Turquia que recebem a grande percentagem de



peças que procuram uma vida sem guerra onde possam ser felizes ou que são refugiados do clima. Esclareceu as dificuldades na obtenção do direito de asilo no caso Suíço mas que é comum a vários países europeus.

François Rochaix, encenador e actor emocionou-nos recordando a criação teatral da peça de Peter Weiss, O Canto do Fantoche Lusitano, um trabalho contra o colonialismo português em 1968, trabalho de teatro político e de intervenção que teve grande impacto na época.

“A Primavera do Exílio” de José Vieira e “o Salto” de Luís Godinho, dois documentários que recordam o papel de quem recusou a Guerra Colonial e se exilou em diversos países da Europa, as suas memórias de luta anti-fascista e anticolonial. Ouvimos os testemunhos de ex-prisioneiros políticos recolhidos na obra “No limite da dor”. Textos doridos de quem sofreu torturas e humilhações às mãos da polícia política de Salazar e Caetano.

José Morais organizou e coordenou o evento.



Ana Benavente



François Rochaix



